



25, 26 e 27
Novembro de 2014

MARGINALIDADES CONTEMPORANEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANAIIS ELETRÔNICOS

ISSN 2448-4369

Realização: FACALE/UFGD

FEMINISMO NO BRASIL DO SÉC. XIX: o jornal “Sexo Feminino”

Alexandre Luís Gonzaga – UFMS¹

Marcos Lúcio de Sousa Góis – UFGD²

Apresentação

A imprensa no Brasil teve início em 1808 com a transferência da família real de Lisboa para o Rio de Janeiro. A partir de então diversos periódicos começaram a ser publicados no país, nesse momento surgem também os periódicos femininos nos moldes dos periódicos franceses, os almanaques, com conselhos sobre economia doméstica, medicina caseira e moda, traziam ainda conteúdo literário como poesias, contos e romances novelísticos, como nos diz Buitoni (1981).

No século XIX muitos brasileiros iam estudar na Europa e no regresso traziam experiências que influenciaram cada vez mais a cultura nacional. Apesar de a sociedade brasileira, como a europeia, ser marcada por valores predominantemente masculinos, apareceram aos poucos publicações voltadas para o público feminino, mas de caráter contestador da condição feminina na sociedade, são publicações que buscam discutir a posição da mulher na sociedade, a necessidade de escolarização e outros assuntos de interesse deste público.

O periódico *O Bello Sexo* aparece em 1862, *A bella fluminense*, publicado entre 1863 e 1864, são alguns dos periódicos voltados ao público feminino, com ideologia e caráter conservadores não apresentavam conteúdo que levasse ao questionamento da posição da mulher na sociedade. O *Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro entre 1852 e 1855, segundo Buitoni (1981) foi um dos primeiros a contar com mulheres na redação e que continha alguns tímidos protestos contra o tratamento que alguns homens tratavam suas esposas. Entretanto foi provavelmente o jornal *O sexo Feminino*,

¹ Doutorando no PPGL- Linguística da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; bolsista CAPES.

² Professor no PPGL-Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e UFMS



25, 26 e 27
Novembro de 2014

MARGINALIDADES CONTEMPORÂNEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANAIS ELETRÔNICOS

ISSN 2448-4369

Realização: FACLE/UFMG

de acordo com Woitowicz (2008) o primeiro periódico cujo principal objetivo era o de divulgar e discutir causas femininas como os direitos no casamento e mulheres que eram tratadas em regime de semiescavidão pelos maridos. Este periódico começou a circular em 7 de setembro de 1873, editado inicialmente em Campanha, estado de Minas Gerais, e depois em 1875 no Rio de Janeiro, cada edição com quatro páginas somente texto, sem ilustrações, por D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz com auxílio de algumas colaboradoras. A editora de *O sexo feminino* também era proprietária do jornal e atuava como professora. Como direcionou seu discurso às mulheres de seu tempo, defendendo a valorização da mulher na condição de esposa e mãe, defendeu o direito ao acesso à educação, podemos dizer que o discurso de Francisca Senhorinha era feminista. Entretanto, o discurso para ser classificado como feminista depende de uma definição precisa do que é feminismo. Andrade (2006) nos diz que no século XIX não ocorreram movimentos feministas *a priori*, como os ocorridos no século XX, mas alertas e reivindicações esparsas em diversos periódicos.

A construção do discurso feminista

O jornal *O sexo feminino* não foi discurso fundante do feminismo no país, nem foi o primeiro a ter uma mulher no comando, foi, porém, o espaço escolhido para a exposição de ideias bastante inovadoras para a época. Como espaço discursivo, permitiu à professora incentivar as mulheres de seu tempo a estudarem como um meio de mudarem suas realidades desfavoráveis; permitiu à jornalista expor suas ideias emancipatórias e chamar os homens de seu tempo para fazerem parte deste movimento. A intenção da redatora do jornal era congrega através do jornal mulheres com um mesmo propósito que era o de conquistar melhores condições sociais para as mulheres através de uma racional emancipação política e social.

Orlandi (1995) afirma que como o dizer não é de propriedade particular, as palavras significam pela história e pela língua, deste modo, as palavras ditas em outro lugar e em outro momento também significam nas palavras de outro enunciador, é o interdiscurso, o já-dito sustenta a possibilidade do dizer novamente, assim é importante compreender as relações entre o sujeito Senhorinha Diniz e a ideologia para tornar mais claro funcionamento do discurso. Para Pêcheux o processo discursivo é produção de



Realização: FACALE/UFMG

sentido, sendo o discurso o espaço onde emergem as significações. O lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, como nos diz Brandão (2004). Com todo discurso é uma manifestação sobre uma dada realidade, desse modo, o enunciador manipula as ideias de seu tempo e de acordo com a sociedade em que vive. Sabe-se que não há uma única maneira de observar uma sociedade e sua realidade. A existência do jornal é constatação de uma sociedade produz discursos e o que podemos chamar de contradiscursos, especificamente em nosso estudo, percebe-se que a sociedade campanense (lócus produtivo do jornal) que produziu discursos machistas também produziu o discurso feminista. O jornal *O Sexo Feminino* constitui-se em uma materialidade discursiva que conseguiu resistir ao discurso hegemônico da época.

O discurso antagônico ao dominante frequentemente está submetido a alguma forma de controle e associado à incapacidade de mudança social. Foucault supõe que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade

O primeiro parágrafo do jornal já mostra a que veio, com o título “A educação da mulher”, diz que apesar das zombarias, indiferenças, da perseguição dos retrógrados e até de chufa e mofa de conterrâneas *O Sexo Feminino* lutará até morrer, e finaliza a coluna inicial conclamando “Viva a independência do nosso sexo! Viva a instrução da mulher! Vivão as jovens campanenses!” (*ipsis literis*). Assim, nessa fala a editora do jornal reafirma a proposta do periódico de rejeitar qualquer oposição à defesa dos direitos femininos. Os efeitos de sentido do discurso da redatora apontam no sentido da vinculação da liberdade do país à liberdade da mulher. A materialidade discursiva no editorial da edição inaugural causa um efeito de sentido persuasivo que conclama a uma necessidade do momento. A editora Senhorinha Diniz enuncia de um lugar virtual, o *logos*, de onde constrói o *ethos* de orador, podendo se mostrar por meio das escolhas que ela faz para passar para a leitora uma impressão de si de alguém empunhando uma bandeira, tal qual o quadro de Delacroix *A liberdade guiando o povo*. O destaque do político, do ideológico e do histórico é bastante acentuado no jornal. Assim, a



25, 26 e 27
Novembro de 2014

MARGINALIDADES CONTEMPORÂNEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANAIIS ELETRÔNICOS

Realização: FACA/UFMG

ISSN 2448-4369

compreensão de como o jornal, como um objeto simbólico, produz sentidos e qual seu significado para os sujeitos leitores e não leitores que podem ter sido afetados direta ou indiretamente pelo jornal. Nas palavras de Orlandi (1995, p. 26) “essa compreensão, por sua vez, implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido”, nesse sentido, produziremos novas práticas de leitura.

Baseando-nos em Pêcheux (1997), a materialidade discursiva é um acontecimento contagiado pela historicidade, contudo essa materialidade discursiva é diferente daquela concebida por historiadores, sociólogos ou outros pensadores para quem as palavras são veículos impessoais que podem ser usadas para circulação de notícias e fatos sociais sem que haja relevante interferência do sujeito que enuncia.

A ideologia que permeia a obra jornalística espelha a ideologia vigente na época na sociedade, entretanto discute-a e busca subvertê-la. As proposições da redatora constituem-se como uma antítese da ideologia da época estabelecendo uma relação de fratura quando conclama as mulheres a unirem-se contra o machismo da época. Podemos perceber uma tendência que ainda é recorrente, o discurso feminista que procura mostrar um mundo melhor para mulheres submissas e semiescravidadas contemporâneas. Mas como a redatora faz isso?

Embora Senhorinha Diniz seja a redatora do jornal, o faz como professora e retoma em diversos momentos o tema da necessidade escolarização das mulheres, da extensão dos direitos civis dos homens às mulheres. A redatora funde texto e contexto e aponta a condição social da mulher como efeito externo da constituição estrutural da sociedade. Recorrendo a Bakhtin quando o linguista russo reflete sobre a linguagem, este dá um direcionamento à relação linguagem, mundo e pensamento; embora considere fatores como o social na formação da consciência ideológica e da língua (divisão de classes, gênero, etc.), centraliza suas análises na dialética cultural e social. Assim, a linguagem da redatora apesar de refletir sua consciência social reflete uma consciência ideológica oposta à vigente. Dito de outro modo, a materialidade discursiva é uma realidade material específica da criação ideológica.

As condições de produção do discurso feminista incluem de um lado a redatora do jornal, o acesso a que teve para publicação do periódico, o inconformismo com as regras sociais que imprimiam severas condições de vida para a maioria das mulheres de



25, 26 e 27
Novembro de 2014

MARGINALIDADES CONTEMPORÂNEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANAIIS ELETRÔNICOS

ISSN 2448-4369

Realização: FACALE/UFMG

seu tempo. A cidade de Campanha contava com aproximadamente 20 mil habitantes em 1872 e apenas 1.458 mulheres que sabiam ler e escrever, de acordo com dados do Recenseamento daquele ano. Faz parte ainda das condições de produção a oposição na forma de zombarias que a redatora sofria e que expressa nas primeiras linhas da primeira edição publicada.

A memória como parte das condições de produção interfere no dizer da redatora e mostra a dialética social que combatia. A dispor de uma alegada neutralidade, “nossa folha não é política” (edição de 20 de dezembro de 1873) o periódico se posicionou politicamente desde a primeira edição. A consciência política e a formação ideológica partem das condições de produção, vêm pela história e pela memória, a redatora chama o século XIX de século das luzes, alusão à ideologia iluminista e inaugura seu periódico em uma data fundamental para a emancipação política do país, 7 de setembro. Em uma segunda fase o periódico é publicado na cidade do Rio de Janeiro com o nome de *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, também fazendo clara referência à adoção do regime republicano que substituiu a monarquia. Assim, embora se declare apolítico o periódico discute assuntos políticos em diversos momentos. As ideias iluministas que influenciaram fortemente a sociedade mineira estão refletidas em eventos como a inconfidência mineira que buscava o fim do colonialismo e do absolutismo. Numa visão mais ampliada, o iluminismo como ideologia se posiciona contra as monarquias e é favorável à república; também é a favor da liberdade religiosa e de pensamento. A liberdade de expressão que o iluminismo defende ecoa na consciência da redatora, que diz não temer as oposições. O interdiscurso também pode ser percebido quando a redatora assume como sua as palavras de Rousseau. Na edição nr 4 na coluna *O casamento*, Senhorinha Diniz fala “A mulher, por seu recato, pudor, caridade, etc., nunca ou quase nunca acusa o marido, nem em circunstância alguma por mais desgraçada que seja, deve fazel-o [...]” semelhante declaração faz Rousseau em sua obra “*Émile ou Da educação*”(p.466), “A mulher é feita para ceder ao homem e até para suportar a injustiça dele”. Ainda quando a editora transcreve Zaluar, jornalista e escritor português radicado no Rio de Janeiro a partir de 1850 (*apud* SOUTO, 2007, p. 37) que associa nação à educação:



25, 26 e 27
Novembro de 2014

MARGINALIDADES CONTEMPORÂNEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANAIIS ELETRÔNICOS

Realização: FACLE/UFGD

ISSN 2448-4369

[...] A mulher forma o cidadão. A pátria della o seu concurso individual na prosperidade commum.

Mas para que a mulher saiba formar o coração, é preciso primeiramente que o seu espírito esteja esclarecido a ponto de comprehender o alcance da sagrada missão que a Providência e a sociedade lhe confião.

Poderá ella obter esse resultado com a educação que actualmente recebe, sobre tudo entre as sociedades de origem neolatina? [...]

Contudo o patriotismo impede que a redatora teça críticas ao governo e ao sistema deste.

A aparente contradição sobre o periódico ser não político não é a única quando observamos alguns dados biográficos da reatora do jornal. Nascimento e Oliveira (2007) nos dizem que a redatora foi casada com advogado e jornalista que também era proprietário do jornal *O Monarchista*, seu marido era um monarquista declarado. Apesar de explicitar certa simpatia pelo Imperador, chamando-o de mecenas “protetor das letras, e seu mais acérrimo propagador” (20.dez.1873), e de declarar indiferença ao sistema de governo, qualquer que fosse, a redatora demonstra sua preferência pela república em outra publicação, ou seja, não há neutralidade no discurso feminista da redatora do periódico. Entretanto, ao publicar uma poesia em homenagem ao Imperador, gera atrito com outro periódico de tendência republicana, *O Colombo*, a quem responde: “Não sabemos em que grande república ou republiqueta a mulher deixe de ser escrava, e goze de direitos políticos, como o de votar e ser votada” (20.dez.1873). O posicionamento político do periódico também se demonstra na materialidade da existência em si do jornal. A correlação inevitável entre a independência do país e a conclamação à independência da mulher na sociedade, ao mesmo tempo em que a primeira edição se deu na data de comemoração da independência, colabora para causar um efeito de sentido ampliado no engajamento político.

As conjecturas levantadas sobre as marcas discursivas do discurso de D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz e da interdiscursividade de comportamentos e costumes na determinação dos sentidos dos textos jornalísticos mostram o feminismo brasileiro ainda incipiente, todavia forte e atuante. A relevância dos apontamentos feitos aqui está no fato de que ao se reler essas publicações se dê importância não apenas aos



MARGINALIDADES CONTEMPORÂNEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Realização: FACA/LE/UFPA

25, 26 e 27
Novembro de 2014

ANAIIS ELETRÔNICOS

ISSN 2448-4369

efeitos de sentido visados na época, mas os efeitos produzidos contemporaneamente que possibilitam representar modos de análise da A.D.

É importante ressaltar que o que chamamos *feminismo* aqui é um empreendimento liderado por uma mulher, e que esta mesma não chama seu esforço de feminismo. O discurso feminista pode ser delimitado a partir de outros discursos como o pedagógico, o discurso religioso, discurso político, discurso machista. Os limites destes discursos mencionados são tênues porque embora sejam em algum momento assuntos abordados pela editora, antes de ser editora do jornal, o sujeito era professora, nesse sentido, é essencialmente pedagógico.

A luta continua

O século XIX marcou relevante avanço no pensamento sobre a posição da mulher nas sociedades e em consequência diversos movimentos surgiram para tenta mudá-la desde a relação entre sexos até a relação com o Estado. Cunha (2007) afirma que a luta das mulheres é muito longa pois não porque a subordinação feminina é milenar, mas também porque como grupo oprimido é muito heterogêneo decorrente da sua composição ser de aproximadamente metade da humanidade. Tal heterogeneidade implica em agrupamentos pró e contra movimentos feministas. Para esta autora a manutenção da identidade pessoal feminina passa pela manutenção da ordem social existente. Apesar de um aparente paradoxo, consideramos que as identidades tendem ao desaparecimento ou esbulho mediante forte dominação. Em outras palavras, a dominação aliada à submissão extrema levaria aquela que está submetida à privação da própria identidade e a incapacidade de se definir diante de dada situação. A força do dominador em dado limite poderia significar renúncia forçada da própria vida em favor da vontade do outro. Assim, o elemento que se impõe é uma espécie de alienação de si e que a editora do jornal procura atingir nas mulheres com seu discurso.

A professora e redatora tinha por objetivo final a educação da mulher em um projeto de emancipação autêntico. Ao destacarmos a produção jornalística feminista desta redatora, procuramos estabelecer um marco comparativo com as feministas contemporâneas. Procuramos destacar de uma perspectiva da A. D. a atuação de uma



25, 26 e 27
Novembro de 2014

MARGINALIDADES CONTEMPORÂNEAS
100 ANOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANAIIS ELETRÔNICOS

ISSN 2448-4369

Realização: FACLE/UFGD

das primeiras feministas brasileiras que abriu caminho para a concretização de movimentos semelhantes no país.

Referências

ANDRADE, F.A.A., ESCRITA E FEMINISMO NO SÉCULO XIX. In: *Anais do XII Encontro Regional de História "Usos do Passado"*, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Fernanda%20Alina%20de%20Almeida%20Andrade.pdf>> acesso em 11.jan.2015.

BUITONI, D. H. S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. Edições Loyola, **1981**

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996. (Leituras filosóficas)

NASCIMENTO, C. V., OLIVEIRA, B. J. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. In: *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007:429-457. disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a17n29.pdf>> acesso em 16.jan.2015.

SOUTO, B. F. Senhoras do seu destino: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephine Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894). Dissert. Dep. Hist. Univ. de São Paulo. São Paulo, 2007.

DUARTE, C. L.. *Feminismo no Brasil: Pequena história*. (mimeo) s.d. disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/pghis/monografias/educacao.pdf>> acesso em 10.nov.2014

GIDDENS, A. *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora, 2001.

WOITOWICZ, K. J. Páginas que resistem: a imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Trabalho apresentado no GT história da Mídia Alternativa, *IV Congresso Nacional de História da Mídia* (UFF, Niteroi, RJ), 2008. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/60-encontro-2008-1/Paginas%20que%20resistem%20A%20imprensa%20feminista.pdf>> acesso em 10.nov.2014.

MOREL, M. & BARROS, M. O raiar da imprensa no horizonte do Brasil. In: *Palavra, imagem e poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.21-50.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi, et al. Campinas, SP: Edit. da UNICAMP, 1995.